

Loyola: se vier curva, Governo pisa no freio

Presidente do BC recorre a três metáforas para dizer que déficits podem levar a restrições

Monica Torres Maia

Correspondente

• LISBOA. Bastará surgir a próxima curva na estrada do Plano Real para o Governo reduzir a velocidade da economia brasileira. Com essa observação reagiu ontem o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, ao ser indagado sobre a possibilidade de um arrocho econômico e desvalorização da moeda em breve. Primeiro, Loyola disse que a idéia era puro "chute"; depois, confrontado com o déficit de caixa do Tesouro, de US\$ 1,008 bilhão em outubro, e com as insistentes especulações sobre o assunto, Loyola acabou apelando à filosofia para responder, cautelosa e desconfortavelmente, em que momento o BC será obrigado a intervir:

— Quando há uma curva na frente, você reduz a velocidade.

Apesar dos déficits fiscal, comercial e de caixa do Tesouro terem atropelado as previsões da equipe econômica, Loyola preferiu não revelar a que distância exata está a próxima curva:

— A economia é uma ciência exata do ponto de vista qualitativo, mas não do ponto de vista quan-

titativo. Você consegue basicamente identificar o que tem que fazer, mas sacar do bolso um número exato, não, em circunstância alguma. Política econômica é como dirigir numa estrada. Se estiver chovendo ou se vier um carro na contramão, você entra com velocidade menor, se estiver tempo claro, você pode entrar com velocidade maior.

O tempo da economia brasileira está bom ou ruim? Loyola respondeu que neste momento não há nuvens no céu, retomando a cautela:

— Acho difícil falar sobre o que o BC vai fazer. Primeiro, se você diz que vai fazer alguma coisa, está antecipando uma reação que pode ser que não precise; segundo, se você diz que não faz nada, então alguém pode dizer: "Vai para casa dormir."

Garantindo que o BC está vigiando as flutuações da economia, Loyola ainda usou outra imagem:

— É como o sujeito que está viajando de avião. Se você chegar na cabine do piloto e ele estiver jogando cartas ou namorando, você pode ficar tranquilo; se ele estiver rezando um terço, significa que está apavorado. Então, você tem que ficar atento.

Depois de participar, de manhã, da cerimônia de comemoração dos 150 anos do Banco de Portugal

(banco central), com a presença do primeiro-ministro António Guterres e de presidentes de bancos centrais de outros 26 países, Loyola leu no mais importante jornal do país, o "Público", uma nota sob o título "Brasil vai desvalorizar o real" e repetiu que a política cambial será mantida.

— Não tenho nada a acrescentar. Chega desse assunto! — contra-atacou, irritado, admitindo que já ouvira o boato anteontem, para depois, brando, minimizar a importância do déficit do Tesouro:

— Foi o esperado, normal. Você não pode pegar o valor de um mês e usar aquilo como base. Tem que pegar um período mais longo. Cada mês você tem flutuações, pagamentos, paga juros, não sei, não tenho os dados... Bem, você tem o perfil de pagamento da dívida, em alguns períodos é concentrado e o regime que o Tesouro usa é regime de caixa, quer dizer, empata o déficit na medida em que é feito o pagamento. Não sei, preferiria não comentar isso oficialmente... ■

• GOVERNO JÁ ESTIMA PARA ESTE ANO UM DÉFICIT OPERACIONAL ACIMA DE 4% DO PIB na
página 26